

22. Palacete Barão de Ataliba Nogueira

22.1 A edificação como documento

22.1.1 Bem/Edificação

Palacete Barão de Ataliba Nogueira

22.1.2 Localização

Rua Regente Feijó, 1087, Centro, Campinas, SP, CEP 13013-052.

22.1.3 Proteção

CONDEPACC, Resolução nº 003/90 de 10 de julho de 1990

22.1.4 Propriedade

Palacete do Barão Ataliba Nogueira

22.1.5 Proprietário

Borghí Agrícola e Comercial Ltda

22.1.6 Usuário

A edificação encontra-se subdividida e locada para diferentes usuários

22.1.7 Utilização original

Residência da família Ataliba Nogueira

22.1.8 Utilização atual

Estabelecimentos comerciais diversos

22.1.9 Enquadramento/Implantação

O edifício situa-se na esquina da Rua Regente Feijó com a Avenida Campos Salles.

22.1.10 Valor documental (como testemunho, vestígio arquitetônico)

O antigo palacete ou solar que abrigou no século XIX a família Ataliba Nogueira teve seu tombamento solicitado ao CONDEPACC em finais dos anos 1980 por membros do grupo preservacionista Febre Amarela, por se constituir marco de um período construtivo: esta edificação, implantada entre os largos do Rosário e da Matriz Nova, ganhara forma em meio a um conjunto urbano que “respirava o melhor dos ares neoclássicos”. Este antigo solar constituía-se um legado importante da trajetória histórica e urbanística de Campinas (CONDEPACC).

O edifício, erguido pelo Barão Ataliba Nogueira em finais do século XIX (em uma data posterior a 1894), constituiu-se, de fato, na segunda residência da família Ataliba Nogueira. No terreno de frente, localizada entre as ruas Regente Feijó e Campos Sales, existiu um primeiro sobrado que, na visão de Celso Pupo, destacava-se por ser uma “belíssima casa”, de “porta monumental com as iniciais JAN e platibanda enobrecida”.

A segunda residência, um sobrado eclético com elementos neo-renascentistas italianos, acompanhara o prestígio e riqueza de seu construtor, o Barão Ataliba Nogueira, que se

fizera conhecido como advogado, membro do Partido Liberal (vereador em 1861/1864), juiz municipal, diretor de obras da catedral de Campinas (1877), presidente do Clube da Lavoura, fundador, diretor e presidente de várias empresas (entre elas, da Companhia Mac Hardy, do Banco dos Lavradores e da Cia Mogiana de estradas de Ferro, da qual foi diretor por seis anos e presidente por doze anos)

No âmbito família, João Ataliba Nogueira casou-se em 1864 com D. Luiza Xavier de Andrade Nogueira, filha do Capitão Camilo Xavier Bueno da Silveira e de D. Luiza Usulina Andrade Barbosa, e através dela tornou-se proprietário da fazenda Santa Urusula, em Jaguariuna. Na década de 1880, p Governo Imperial concedeu-lhe com as insignias de Comendador da Imperial Ordem da Rosa em 188 e em seguida, com o título de Barão de Ataliba Nogueira.

Este edifício, em que residiu com a família, permaneceu com seus descendentes até ser transformado num luxuoso hotel, o Hotel Vitória que a partir da década de 1930 se destacou por receber personalidades ilustres. Este mesmo hotel enfrentou problemas e nos anos 1980, já em situação precária, veio a ser interditado. Data, então, do final dos anos 1880 os esforços para preservá-lo, merecendo tombamento municipal em 1990.

22.1.11 Documentação administrativa

CONDEPACC, Resolução nº 003/90 de 10 de julho de 1990

22.1.12 Bibliografia

- CAMPOS JR, Teodoro de Sousa. “Titulares do Império” IN Monografia... .pp267/269
- TONON, Maria Joana. Palácio dos Azulejos: de residência à Paço Municipal - 1878/1968. Dissertação (mestrado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 2003
- DUARTE, Raphael. Campinas de outr’ora. São Paulo: Typografia Andrade & Mello, 1905
- PUPPO, Celso Maria de Mello. Campinas seu berço e juventude. Campinas: Academia Campinense de Letras, 1969.
- PUPPO, Celso Maria de Mello. Campinas, Município no Império. Campinas: Imprensa oficial do Estado, 1983.
- LEMOS, C. A. C. Alvenaria burguesa. São Paulo: Nobel, 1989.
- RODRIGUES, Ana A. Villanueva. A Catedral Nossa Senhora da Conceição de Campinas e a constituição dos saberes construídos: a cidade como fachada, a fachada como cidade. Politeia: História e Sociedade Vitória da Conquista v. 9 n. 1 p. 141-171 2009
- Solar do Barão de Ataliba Nogueira: um novo jeito de morar. PARATODOS, nº9, CSCP/CONDEPCC, 2009
- SCHICCHI, Maria Cristina. Patrimônio arquitetônico das cidades paulistas: a preservação como questão de urbanismo. arquiteturaarevista - Vol. 4, nº 1:87-109 (janeiro/junho 2008)
- BITENCOURT, Luiz Claudio. Relatório. CONDEPACC, 1988

22.2 Valor arquitetônico

22.2.1 Arquiteto/Construtor/Autor

Dr. Frandisco de Paula Ramos de Azevedo (projeto).

22.2.2 Estilo, originalidade

Estilo eclético com elementos neo-renascentistas italianos

22.2.3 Aspectos arquitetônicos independentes do estilo(período histórico de construção, evolução e mudanças do edifício)

O palacete ou solar do Barão Ataliba Nogueira foi inaugurado em 1894.

Segundo Ana Villanueva: “O sobrado próximo da “matriz nova”, de autor desconhecido, fora construído em uma data posterior a 1890”, portando características próximas (esteticamente) das utilizadas na fachada da catedral. Erguido em tijolo, o edifício se utilizava de uma linguagem clássica sem restrições, presente “na construção do entablamento e do ático, aliado ao fato de já ter ocorrido a difusão dos condutores de águas pluviais”.

Para esta arquiteta: “As modernizações de linguagem clássica nos edifícios de Campinas em taipa-de-pilão (1a fase) e nas construções com “encastamento” em tijolos (2a fase), eram ainda comedidas e limitadas, em relação ao preconizado nos tratados clássicos, que já circulavam no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, e estavam ainda ligadas à tradição construtiva da taipa-de-pilão, com um classicismo adaptado a esta técnica. O esforço para mudança e transformação desta realidade, e a ligação formal à estética da corte, tiveram como ponto focal as obras da “matriz nova”. A partir desta constatação, fica evidente que somente após o término da fachada principal da Catedral Nossa Senhora da Conceição de Campinas ocorreria a mudança nos demais edifícios (3a fase), com uma busca do classicismo ligado aos tratados de arquitetura, em especial ao Tratado de Vignola”.

Para Luiz Claudio Bitencourt, membro do grupo preservacionista Febre Amarela que se engajou diretamente nos estudos do Solar do Barão Ataliba Nogueira, a ocorrência de uma modernização clássica em meio uma arquitetura originalmente de taipa, exigia atenção. Em seu entender, “na região denominada ‘oeste paulista’, as indicações (...) [sugeriam a presença] de uma arquitetura mais tosca, singela”. Aqui, “o neoclassicismo” parecia ter se “difundido tardiamente, dentro de um quadro de racionalização mais amplo, adequado as transformações sócio econômicas provocadas principalmente pela transição do trabalho escravo para o trabalho livre, e onde a reorganização do canteiro de obras (...) [ocupou] um papel importante nas alterações dos processos produtivos da construção, reorganizando também o desenho urbano da cidade. Muito provavelmente, esta arquitetura (...) [foi] a base de toda a linguagem classicizante largamente difundida entre o final do século XIX e início do XX (...) notadamente naquelas cidades onde a ferrovia tornou-se elemento de interligação e composição na organização urbana (...)”. Uma das fontes de informações preciosas são obras exemplares como esta antiga residência, não apenas por tratar-se de construção de Barão intimamente ligado a corte, mas fundamentalmente pelas características construtivas guardadas dentro do “artefato histórico”, porque revelam aspectos ligados ao conjunto de obras que utilizaram este tipo de linguagem nesta região” (BITENCOURT).

Tomando-o como “matéria prima, [como] documento vivo da história desta cidade e seu papel dentro da região denominada ‘oeste paulista’”, Bitencourt avançou nas prospeções das estruturas, dos elementos, das características construtivas.. ao mesmo tempo em que teve a oportunidade de observar a edificação mais antiga (o solar) à luz de uma edificação mais recente (Hotel Vitória), e daí vislumbrar outras relações; chegando a conclusão de tratar-se o velho solar de “um exemplar único deste classicismo de final de século tão difundido em nossa região, porque marca bem as diferenças daquela linguagem fomentada pela corte com a vinda da Missão Francesa”.

Os levantamentos realizados serão tratados adiante, mas é importante observar que, para Bitencourt: “a propriedade do Barão ocupava a quadra de ponta a ponta na face da atual Av Campos Sales, mantendo acesso ao pátio interno nesta face da construção (...)”. Em assim sendo, longitudinalmente o pátio poderia ser potencialmente maior, até para receber melhor os equipamentos de serviços típicos da época, como coqueiras, acomodações de criados e agregados”.

Por outro lado, a porção urbana em que este Solar se fez inserido, também esconde um sentido particular. No entender do arquiteto: “A área em que se encontra a quadra cujo lote implantou-se a casa do Barão, só começou a ser ocupada a partir da segunda metade do século XIX, momento em que Campinas começava a tornar-se a principal cidade cafeeira de São Paulo. Momento também em que o desenho de característica orgânica e tendência linear, herdado do período da vila (quando os principais elementos de organização espacial eram a capela, a Casa de Câmara e Cadeia, o pelourinho e as praças do núcleo original), passavam a ser substituídos pela racionalidade do traçado hipodâmico em uma nova área expansiva urbana, onde a matriz, o teatro e mais tarde a estação ferroviária reorganizarão a nova direção tomada pelo desenho urbano da cidade. A casa do Barão liga-se ao final deste período de desenho urbano de Campinas, quando esta área já estava quase totalmente ocupada, e a estação ferroviária passava a atrair definitivamente em sua direção as principais casa comerciais da cidade. (...) A posterior adaptação da residência em hotel, enquadra-se na tendência de comércio adquirida pelas principais ruas de acesso a estação ferroviária”.

projeto	013/14
cliente	TAB Núcleo Regional Campinas
assunto	Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico
sítio	Palacete Barão de Ataliba Nogueira
local	Campinas, SP
coordenação	Mirza Pellicciotta
data	24/10/2015
revisão	0
folha	01/04

Copyright © 2015 Conhecimentos Associados Ltda

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL
INSTITUTO NACIONAL CONHECIMENTOS ASSOCIADOS

22.2.4 Estado físico de preservação (níveis de conservação, negligência, abandono)

Na ocasião do pedido de tombamento municipal, em 1988, o imóvel encontrava-se em “bom estado de conservação quanto à sua estrutura, revestimento, pisos e divisão interna, denotando apenas desfiguração recente nos telhados de onde foram retirados, talvez propositalmente, algumas telhas” (CONDEPACC).

Mas, em junho daquele ano (1988), o proprietário solicitou ao prefeito de Campinas autorização para demolir o prédio por não ter condições de recuperá-lo; solicitação, por sua vez, que transferiu o assunto para o CONDEPHAAT, por achar-se a antiga residência em área envoltória de bens tombados pelo Estado (Catedral, Palácio dos Azeiteiros, Mercado Municipal).

Ambas situações mobilizaram o CONDEPACC que, em pouco tempo, abriu processo de estudo, e não apenas do Solar do Barão Ataliba Nogueira, mas também do Solar do Visconde de Indaiatuba, do Barão de Itapira, do Barão de Itatiba, da Catedral e da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte (vários deles já tombados pelo CONDEPHAAT). A residência foi tombada em 1990, seguindo-se um período alternado de usos (como espaço cultural) e de abandono do primeiro piso do imóvel, mantendo-se em intenso uso o andar térreo para locação comercial.

22.2.5 Transformações e adaptações, restauração

Em 1908, na ocasião em que a Prefeitura de Campinas buscou adquirir uma sede para instalar seu Passo Municipal, a família Ataliba Nogueira ofereceu ao poder público o seu palacete; a escolha recaiu sobre o Solar da família Ferreira Pentecoste. Passados 16 anos, o edifício foi transformado num hotel; no Hotel Vitória (1924).

Esta transformação de usos exigiu uma primeira grande reforma do edifício, o que ocorreu em 1928. Nesta ocasião a área da edificação seria ampliada de forma a dobrar o “número de quartos disponíveis para os hóspedes”. O hotel ganharia estrutura e se firmaria, no curso de várias décadas, como um hotel de luxo, notadamente, um “ponto de encontro de intelectuais e de artistas nacionais e internacionais em passagem pela cidade”.

Em algum momento o empreendimento sofreu problemas, fato que o levou a adentrar a década de 1980 em decadência. No ano de 1985 ele foi interditado (por más condições de conservação) e seus proprietários cogitaram na demolição. Mas, coube ao grupo preservacionista Febre Amarela solicitar ao Condepacc o tombamento do prédio e, com a preservação garantida, oferecer outras possibilidades de uso e existência.

O prédio (pavimento superior) foi ocupado pelo Centro Cultural Vitória entre os anos de 1990 e 1995. Neste período, a instituição utilizou seus 1200 m para instalar duas salas de teatro, um cinema, espaço para galerias de arte, lanchonete, café e espaço para oficinas, palestras e cursos.

Este edifício sofreria alterações na estrutura de sustentação na fachada do pavimento térreo visando aumentar os acessos dos boxes de comércio, além de constar mudanças de algumas paredes destinadas aos serviços do hotel. O acabamento do pátio interno sofreria forte alteração “em razão da construção de lajes e telhados de amianto para os boxes do pavimento térreo, eliminando o quintal original”. Na área externa, o edifício contara com ricos detalhes e adornos, “destacando-se o trabalho de massa de pedreiro dentro da linguagem neoclássica”, e em seu interior, o edifício recebera “o trabalho de carpintaria das portas e batentes internos e externos, assim como arremates do forro e estrutura da escada”.

Com relação ao estado de conservação, a estrutura geral do antigo edifício era “bastante boa”; as fachadas externas da avenida Campos Sales e da Rua Regente Feijó apresentavam-se integras, apesar do caráter abrasivo da poluição; os trabalhos de massa achavam-se em bom estado “com pouquíssimas fissuras” (constando uma trinca que provavelmente se originara das “modificações ocorridas na parede de sustentação do pavimento térreo”, além do ataque de fungos e insetos, especialmente no madeiramento do forro, pela presença de infiltração de água promovida pela deterioração da calha). Os detalhes de fachada e o telhado mantinham-se íntegros, ao mesmo tempo em que as “condições de conforto, iluminação e ventilação foram bastante modificadas em razão da verticalização de algumas construções próximas”.

O segundo edifício, mais recente, revelava “a existência de um projeto complementar às funções de hotel do primeiro edifício”. Tratava-se de “uma construção confusa que utiliza várias técnicas construtivas, muitas vezes não solidárias, razão pela qual apresenta maior deterioração no seu conjunto do que o primeiro edifício mais antigo. Porém como na primeira construção não encontramos nada que colocasse em dúvida a estabilidade do edifício”.

Esta construção anexa contou com planta em formato de “L” (entre as esquinas das ruas Campos Sales e José Paulino), utilizando-se em sua estrutura de sustentação o concreto armado, paredes externas de tijolo maciço (da mesma espessura do prédio mais antigo), paredes internas de tijolo furado (balano) e forro de estuque armado, constando uma amarração “bastante confusa” que indicava ter sido o edifício “construído em etapas”. Suas paredes eram rebocadas; os banheiros contavam com meia barra de azulejo; o piso era de tábuas corridas enceradas com exceção dos banheiros, com piso cerâmico; folhas e batentes das portas e janelas de madeira pintada; acabamentos dos banheiros e cozinha de azulejos a meia barra e poucos arremates decorativos que seguem “o mesmo princípio de valorização do trabalho de massa de pedreiro”, contando com uma única sacada no canto da construção. No processo construtivo deste segundo edifício, destacava-se “a improvisação e adaptação, sugerindo que o edifício tenha sido executado em partes”. De qualquer forma, revelava-se “o trabalho de pedreiro, de carpintaria e de estucador”.

No quesito da conservação, o prédio apresentava “fissuras generalizadas” principalmente no trabalho de reboco das paredes internas de tijolo baiano, permanecendo em bom estado as paredes externas de tijolo maciço, constando também o mal estado de conservação do forro de estuque, “apresentando movimento e umidade generalizada”.

22.2.7 Área total aproximada

Área do terreno: 1.240 m²

Área de construção: 2.333 m²

22.3 Estudo do entorno

22.3.1 Área envoltória

A Igreja do Rosário, edifício simples e sem torres, ganhou uma maior importância na medida em que a construção da Matriz Nova (Catedral) se prolongou e em que a Matriz Velha (no local da atual Basílica do Carmo) perpetuou uma precária condição de conservação, assumindo este mesmo templo, por duas vezes, o papel de Matriz Provisória da Paróquia da Conceição (1846/1852; 1870/1883). Esta situação lhe trouxe reformas e, inclusive, a criação da prestigiosa “Irmadade do Santíssimo Sacramento”, formada por homens brancos. As reformas se iniciaram com a visita do imperador D. Pedro II à cidade, em 1846, e se repetiram por outras ocasiões (1887/1910, 1928), atestando a importância que o largo continuava a desempenhar na dinâmica da cidade. O Largo do Rosário se destacou ao receber os primeiros sobrados da Vila, residências de ricos comerciantes e lavradores de cana que se celebrizaram pelas festas e acontecimentos, ou ainda, se firmou como espaço cívico ao receber celebrações importantes como as “cavalhadas” para o Imperador D. Pedro II em 1846, entre outras manifestações e atividades públicas que permaneceram presentes por todo o século XX.

22.3.2 Qualidade arquitetônica, estética, urbanística: interação com o ambiente urbano

Nas palavras do arquiteto Luiz Claudio Bittencourt, o conjunto então identificado como “Hotel Vitória” não mantém mais “nenhuma relação de solidariedade com seu entorno, com exceção do fórum e do conjunto de praças que formam o chamado “Largo do Rosário”, a verticalização indiscriminada em antigos lotes coloniais veio prejudicar as condições de conforto ambiental das duas construções. A sobrevivência do conjunto revela uma contradição que incomoda. Na qualidade e nas proporções da sua arquitetura distoa da falta de critérios urbanos em relação a verticalização dos edifícios localizados no centro de Campinas. Sacrificado nas suas condições de conforto ambiental possui importante papel na aeração das construções que o sufocam, ao mesmo tempo em que aponta a necessidade urgente de se modificar as atuais

projeto

013/14

cliente

TAB Núcleo Regional Campinas

assunto

Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico

síto

Palacete Barão de Ataliba Nogueira

local

Campinas, SP

coordenação

Mirza Pellicciotta

data

24/10/2015

revisão

0

folha

02/04

Copyright © 2015 Conhecimentos Associados Ltda

instituto de arquitetura do brasil

instituto ambiental construído

CONHECIMENTOS ASSOCIADOS

22

Palacete Barão de Ataliba Nogueira

Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico

formas de crescimento urbano da cidade” (CONDEPACC).

22.4 Outros elementos patrimoniais do bem

22.4.1 Bens móveis

Não foram encontradas referências sobre os bens móveis do Palacete Barão de Ataliba Nogueira.

projeto

013/14

cliente

IAB Núcleo Regional Campinas

assunto

Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico

sítio

Palacete Barão de Ataliba Nogueira

local

Campinas, SP

coordenação

Mirza Pellicciotta

data

24/10/2015

revisão

0

folha

03/04

Copyright © 2015 Conhecimentos Associados Ltda

ib

INSTITUTO DE
ARQUITETURA
DO BRASIL

INICIANDO A CONQUISTA

CONHECIMENTOS
ASSOCIADOS

22 Palacete Barão de Ataliba Nogueira

Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico

22.5 Iconografia

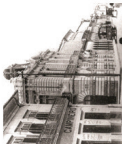
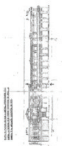
Imagem	tipo	número	legenda	autor /fonte
	Fotografia	131.4fT2.1001	Fachada, detalhe 1	Maria Vasconcellos
	Fotografia	131.4fT2.1002	Fachada, detalhe 2	Maria Vasconcellos
	Imagem de arquivo	131.4fA2.1001	Residência da Família Ataliba Nogueira nas primeiras décadas do século XX	Maria Luiza Pinto de Moura
	Imagem de arquivo	131.4fA2.1002	Residência da família Ataliba I	MIS
	Imagem de arquivo	131.4fA2.1003	Residência da Família Ataliba Nogueira em finais do século XX	Maria Luiza Pinto de Moura
	Imagem de arquivo	131.4fA2.1004	Hotel Vitória, a partir da década de 1920	Pro Memória de Campinas
	Imagem de arquivo	131.4fA2.1005	Hotel Vitória	MIS
	Imagem de arquivo	131.4fA2.1006	Edifício que também abrigou o Centro Cultural Vitória e o Centro Cultural Evolução nos anos 2000	DETUR

imagem	tipo	número	legenda	autor /fonte
	Imagem de arquivo	131.4fA2.1007	Estudos de preservação	CONDEPACC
	Imagem de arquivo	131.4fA2.1008	Estudos de preservação	CONDEPACC
	Imagem de arquivo	131.4fA2.1009	Estudos de preservação	CONDEPACC

projeto

013 / 14

cliente

IAB Núcleo Regional Campinas

assunto

Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico

sítio

Palacete Barão de Ataliba Nogueira

local

Campinas, SP

coordenação

Mirza Pellicciotta

data

24/10/2015

revisão

0

folha

03/04

Copyright © 2015 Conhecimentos Associados Ltda

ib

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL

CONHECIMENTOS ASSOCIADOS